

“Descentralizando a Cultura”: uma etnografia da produção de sentidos envolvida nas práticas de um programa cultural na cidade de Porto Alegre

Autora: Fernanda Mirele Heberle* – Orientador: Ruben George Oliven**

Objeto e Objetivos

Esta pesquisa tem por objetivo reconstituir, por meio da narrativa etnográfica, algumas das relações envolvidas no ato de “descentralizar a cultura”, tal como almejado pelas ações de um programa cultural desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Trata-se do *Descentralização da Cultura*, programa que consiste, em termos gerais, na promoção e financiamento de atividades culturais diversas – especialmente na forma de oficinas de expressão artística – em diferentes regiões da cidade. A distribuição dos recursos procura obedecer às demandas de cada comunidade, definidas por meio da atuação de seus representantes em instâncias de participação específicas, uma delas vinculada ao Orçamento Participativo. As oficinas de arte e os mecanismos de participação – entendidos como dispositivos por meio dos quais o programa opera e é instituído enquanto ação governamental – agregam uma infinidade de agentes e elementos heterogêneos. O problema desta pesquisa consiste em refletir sobre a produção de sentido em torno da palavra “cultura” operada, justamente, nos contextos de articulação entre essa série de agentes e mecanismos institucionais.

Plenária da Temática de Cultura do Orçamento Participativo



Oficina de Teatro na região Centro



Oficina de Fotografia na região Noroeste



Mostra Final das Oficinas da região Partenon



“Boteco Cultural” na região Sul



Metodologia

A partir da observação participante de diferentes espaços-eventos institucionais – como as reuniões das instâncias de participação, as atividades da equipe de coordenação do programa e os eventos propriamente culturais desenvolvidas em pontos diversos da cidade – procurei produzir uma narrativa etnográfica que privilegiasse a atuação de alguns agentes que encontrei em campo e a produção de sentidos operada em contextos específicos. Seguindo as reflexões de Guattari, o esforço foi o de tentar não ceder à suposta evidência que o termo cultura confere aos processos que designa, buscando descrevê-los naquilo que conforma a sua existência concreta – as atitudes, as relações, os procedimentos, as regras, os enunciados, etc.

Conclusões Parciais

Nos contextos institucionais observados, estão em disputa diferentes concepções acerca da forma como os recursos do programa deveriam ser distribuídos – a saber, se deveriam limitar-se às comunidades que atuam e demandam nas instâncias de participação ou estender-se para o máximo de comunidades possível, independente de sua atuação nesses espaços. Sugiro que tais concepções, assim como formas diferenciadas de fazer política, revelam construções de sentido distintas sobre a “cultura”. De um lado, ela aparece como um “bem” ou “valor” do qual nenhuma comunidade poderia prescindir e que, portanto, deveria ser garantido pelo “governo”; de outro, como algo que “todo mundo tem”, “que está na comunidade” e que, portanto, seria indissociável de um fazer político, em que está em jogo a autonomia na definição dos equipamentos e atividades culturais a serem distribuídos pelo programa.

Referências

- BORGES, Antonadia M. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- CERQUEIRA, A. C.. “Que é feito de você”. Mercadoria, valor e alma em um centro cultural na Mangueira. Dissertação de mestrado – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.
- HERZFELD, Michael. *Intimidade Cultural: Poética Social no Estado-Nação*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- Fotos: Ricardo Stricher/PMPA; Silvio Leal/PMPA

*Bolsista IC/CNPq **Prof. Titular do Departamento de Antropologia IFCH/UFRGS